



O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVII—N.º 423—Preço 1\$00
28 DE MAIO DE 1960

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Setúbal

Evaristo Manuel é um hino de amor cantado quotidianamente a Deus desde que o fui buscar moribundo à choça que o gerou e lhe foi berço durante quinze dias e lhe seria túmulo se não fosse Cristo.

Tem querido Deus que matizes de heroicidade resplandessem nos cantares da Sua glória pela Cari-



dade de serem mães de quem não tem pai e cuja mãe carnal procurava o desaparecimento do fruto de suas entranhas.

Faz agora um ano e por isso o damos à estampa, não para glória humana, que seria profanar, mas para honra e apologia da mensagem de Cristo: «O que fizeres ao mais pequenino é a mim que o fazes».

É esta a grande força. Este mim é torrente que através dos séculos tem arrastado milhares de dedica-

Continua na segunda página

Envio-lhe pelo correio de hoje uma pequena lembrança para o Calvário, lastimando que não possa ser mais, como era meu

Queima das Fitas

Como há muitos anos já, a tradição cumpriu-se. Aquele sábado, melhor, aquela semana, foi de romaria cá em casa. Primeiro a escolha dos que haviam de ir. Meteram-se cunhas de toda a sorte. O pior foi que Senhor Padre Manuel se lembrava das partidas que alguns fizeram o ano anterior e esses ficaram eliminados ao primeiro escrutínio.

Depois da escolha, muita alegria de uns e pesar de outros. Depois, a procissão prática rouparia em prova dos fatos super-domingueiros, que a senhora reserva para os dias de grande circunstância.

De 6.ª para sábado ninguém deve ter dormido. E manhã cedo lá foram. Como de costume, o café foi no Imperial. O pão oferecido pela Cérés. Almoço no papo tude desandou para a Universidade sob o olhar vigilante do Tomás, a quem naquela hora bem se podia chamar Pai Tomás.

Depois foi a ronda dos estudantes. Eles foram tão discretos no preparar deste dia, que este ano mal dei fé do movimento. No próprio dia, mal teria dado, se não fôra o telefonema a pedir que os rapazes viessem no último comboio, pois é sobre a tardinha que o peditório rende mais e o zelo dos estudantes não tinha esmorecido com o dia inteiro a calcurriar de porta em porta.

Antes da partida tudo se juntou no Espelho da Moda. De vez em quando o Depósito sofre uma invasão assim, quase bárbara, com grande alegria de todos os de lá.

Fizeram-se as contas: A passar de 28 contos.

Obrigado ao Imperial, e à Cérés e ao Espelho da Moda e vivam os Universitários do Porto.

UMA CARTA

desejo. Espero que me seja possível enviar-lhes periodicamente igual importância a fim de ajudar na construção de mais pavilhões para os doentes e na medida das minhas disponibilidades contribuir para alívio das vossas preocupações, com a minha migalha, dada com todo o amor.

Por experiência pessoal e por doenças graves na família sei quanto os doentes apreciam pequenas coisas, que à primeira vista poderiam parecer supérfluas, mas que lhes dão tanta alegria. Accitaria que enviasses estas coisas sempre que delas disponha? Que sei eu: tabaco, doces, livros, etc.?

Eu gostaria muito de poder ajudar em todas as vossas Obras, mas na impossibilidade de o fazer, resolvi-me pelo Calvário. O Calvário dos doentes, dos incapacitados, dos que têm qualquer anormalidade, dos meus irmãos que eu tão bem compreendo, porque já trilhei, embora com muita ajuda de Deus, esse difícil caminho. Mas o Senhor deu-me a graça do restabelecimento, da recupera-

ção. Cumulou-me de mimos durante os anos difíceis, ajudou-me a suportar tudo e a dizer sempre sim.

E o que é mais maravilhoso e me mostrou mais o poder de Deus, ao qual dou graças constantemente, foi, para além da possibilidade de fazer a minha vida normal, a mudança que se operou na minha alma.

Bendigo o sofrimento que me permitiu chegar mais próximo de meu Senhor, me mostrou o mundo segundo perspectivas diferentes, me encheu o coração de Amor e me permitiu distinguir melhor o que é o essencial da vida. Bendito seja Deus.

E como é doce poder abraçar a cruz, sentindo que Jesus nos está amparando. Como eu desejaria que todos os doentes sentissem isto, mas é difícil explicar.

Quando Deus nos concede a graça da cura, não temos mais o direito de ser mediocres, para alguma coisa útil nós devemos empregar as forças recuperadas, não é verdade?

Continua na página dois

ÁFRICA

Finalmente, podemos dizer do desembarque em Luanda, 1.ª estação da nossa Via Sacra; Será no meio de Junho, mais dia menos dia.

A viagem está marcada para o «Vera Cruz»; mas, «post tantos labores...»—e justamente por causa deles!—eu ainda não perdi as esperanças de chegar lá pela mesma altura saindo horas antes de Lisboa no avião dos TAP.

As dificuldades foram ocasião de uma mobilização de voluntários que se têm interessado e trabalhado com muito entusiasmo no intuito de as aplanar. De modo que até dos espinhos saem rosas!

De lá chegam ecos consoladores. Entre os portugueses do Congo Belga já anda a trabalhar uma 5.ª coluna muito amiga. Nós não queremos mais nada senão encontrarmo-nos, vermo-nos, falarmo-nos, trocarmos em Jesus amor por amor.

Temos pois o meado de Junho em Luanda. Depois vão sendo pela ordem mais conveniente (não a sei ainda) as visitas aos Colonatos e aos Centros mais populosos de Angola. Depois, um salto a Leo e talvez também a Stanleyville. E agora, rumo a Moçambique, onde, mais roídos pelas saudades de cerca de um mês de fora de casa (deve calhar pelo meio de Julho...), contamos com o refresco do calor de muitos e muitos corações amigos.

Que a benção de Deus nos acompanhe. E até breve.

FACETAS DUMA VIDA

Os dois implantadores do cristianismo em Roma, judeus que eram, não podiam, em face das leis, usar direitos nem palavra, mas eles tomam-na, começam a prègar a doutrina do Mestre e o povo ouve, as autoridades tremem, os ídolos caem e as divindades morrem. Dentro em pouco arrastam na sua esteira milhares de adeptos prontos a dar a vida, como davam, confessando a fé de Cristo. A onda destes cresce, entra nos palácios, limpa cidades, invade províncias e vai bater na areia dos espectáculos públicos morrendo nos dentes das feras, mandadas vir de África para esse fim. Isto é da história de todos os credos. Compre e leia a história romana e dos primeiros cristãos. Vá hoje ver as catacumbas. Digame, não sente nesta implantação qualquer coisa de sobrenatural?? Dois filósofos que traziam a palavra de um visionário, diz você. Mas justamente na época, idade dos grandes filósofos com suas escolas e prosélitos, qual foi a que vingou por muito tempo? Pergunte à história. E o cristianismo impera hoje. Prègavam a igualdade a um povo de escravos, feito mercadoria nas mãos dos senhores, por isso Roma os seguiu, segunda observação. Mas nesse caso, os sequazes seriam somente os escravos e no entanto a história diz-lhe que grandes famílias do império se convertiam e imperadores houve que se fizeram cristãos.

Até aqui temos dado uma pálida ideia do cristianismo, que você ampliará com a leitura da sua história, não esquecendo o Evangelho, que lhe há-de levantar o espírito para poder compreender o que tudo isto tem de sublime. E como suponho que assim fará, digo-lhe que é necessário termos uma pitada de Fé para melhor sentirmos o que lemos. Ora fé todos nós temos. Eu tomo um remédio com fé de que ele me faz bem. Você veio ao Gerez com fé nas águas. O povo da sua terra emigra com fé de que em outras lhe irá melhor. E sta é a fé que todos temos, filha da razão e é ela quem levanta o homem, move as colectividades e agita os povos em tudo quanto diz respeito às coisas materiais desta vida. Mas há outra Fé que não é filha da razão, nem diz respeito às coisas presentes, manifestada em obras sobrenaturais e esta nem todos a possuem. Esta Fé é filha da alma e é um dom de Deus. Para a termos é necessário impetrá-la de Deus e aqui temos nova dificuldade porque V. não O conhece nem cre que Ele existe.

Vamos tentar conhecê-lo sem sublimidade de palavras, falando à razão com argumentos singelos, para eu poder compreender o que digo e

V. o que eu quero dizer. Folheando as páginas de qualquer história universal observa que em todos os tempos, os povos mais remotos tinham suas crenças, reconhecendo qualquer coisa grande, dominadora, fora do alcance da sua razão, a quem prestavam cultos e rendiam homenagens. Com o decorrer dos séculos, esta crença intuitiva tem sempre subsistido. Repare muito nesta atracção universal e espontânea dos povos, manifestando, é certo, uma grande diversidade de cultos exteriores mas comum na sua essência; a ideia íntima foge sempre para um ponto incompreensível. Pondere mais que hoje mesmo, em pleno século do positivismo, ordinariamente não há a crença em Deus nos positivistas, mas admitese a Natureza e admira-se as suas maravilhas. Ora acompanhe-me com atenção e observe que a Natureza que se admira é simplesmente obra de Deus e por consequência, se admiramos e admitimos a obra, porque não o seu Autor?? Deus é incompreensível; não se define, mas a natureza pode ser até certo ponto destrinchada e eu cuido que defino bem se disser que ela é tudo que vive, vegeta e repousa no planeta em que vivemos, classificado pelos competentes em 3 reinos como sabe. Ora os geólogos não precisam a formação do globo. Aventam meras ideias hipotéticas; massa ígnea, nebulosa, massa líquida etc., etc. Hoje metem-se por essa terra abaixo e dizem-nos coisas interessantes a seu respeito e assim é que sabemos por eles das transformações dos climas, faunas e flores no decorrer dos séculos e das supostas condições futuras: inabitável para as raças actuais. Quanto ao homem, colocam-no, como sabe, na época terciária e dizem assim: — o homem parece-nos então...; mas não dizem como nem de onde. Darwin fala e explica que o homem vem do macaco, mas não resolve o problema porque também não nos diz de onde veio o macaco. Poderíamos seguir por aí fora no sistema das evoluções até darmos com o embrião, mas ainda assim não seria a solução do caso porque a ciência diz que não há a geração espontânea e por isso havia sempre a curiosidade de saber de onde tinha vindo o embrião. Ora condenada a geração espontânea e sabendo que a matéria é inerte, temos que os 3 reinos da natureza foram criados por alguém.

Ora digame, não está já em melhores disposições para se aproximar do conhecimento de Deus?? Outra razão que o há-de com certeza ajudar a dispôr bem para o fim que pretendo é o V. saber quão ignorante eu era antes de observar agora as minhas ideias actuais, que não são filhos de estudos,

Da que nós necessitamos

Se esta coluna fosse apenas o desfiar da meada de donativos que nos chegam de todas as partes com certeza que já teria desaparecido do jornal ou seria mais rara. A razão principal não é o dar notícia do que chega, mas dar a conhecer a riqueza espiritual que Deus põe nos corações, e que se manifesta, não tanto no dar, como na maneira como se dá.

Já não me recordo do dia. Um casal mais os filhos vieram visitar a nossa aldeia. Ficaram encantados com o que viram. Não se indentificaram e em nossas mãos pecadoras deixaram ficar um envelope e foram-se embora. Eram 3.000\$. Silêncio. Só Deus sabe quem eram. Os três mil escudos não nos impressionaram. O modo como chegaram sim, É Caridade.

x x x

A «Avó de Mosca» não deixa passar um mês que não marque presença com o seu óbulo habitual. Esta persistência é característica dos que entram nesta coluna. «Os dois amargurados» com 50\$. No Espelho da Moda 5 contos mais 5 para o Calvário. Quem não admira a perseverança do Pessoal da Mobiloil com os seus 53\$50 mensais? E vem uma Mãe com o 1.º ordenado do filho — 100\$00. Mais 200\$ do aumento de ordenado. Também não é a primeira vez que uma senhora de Monte dos Burgos deixa 5.000\$. Camisolas tironíssimas de uma Fábrica de Malhas do Porto. E de Cernache do Bonjardim uma caixa de bombons e chocolates «Rájá», para os mais pequenos. As nossas províncias ultramarinas estão sempre presentes. De Carmona 100\$; de Lourenço Marques outros cem; da Beira, agasalhos para os nossos Pobres. Vivem longe pela distância e bem perto pelo coração.

Vamos desafiando agora, a meada dos grãos com que fazemos o pão de cada dia: 20 de um rapaz amigo dos nossos rapazes; 50 de Paços de Brandão, de uma mãe que vive horas de aflição; 50, «visto meu marido este mês, ter tido melhor ordenado»; 20 de nma mãe a pedir pelos filhos; 40

porque ainda os não comecei, mas sim de intuição comunicada, que Deus dá a todos os que O procuram. Mas isto naturalmente ainda o não satisfaz, porque V. desejaria ver Deus. Note bem; Deus não se vê nem se apalpa; sente-se. Deus é um espírito. Habita no espírito de quem O possui e por isso quem não O possui diz: não há Deus. Mas não é assim. Deveria dizer: Não possuio Deus, e assim fala acertado. Eu próprio também dizia: não há Deus. Hoje digo: há Deus, não porque O tivesse visto, mas sim porque O sinto.

continua no próximo número

mais 50 do Porto e de Lisboa; de Ilhavo, Gaia, Ovar; a esposa que manda 10% de uma gratificação recebida por seu marido; 20 de Monte das Pedras; 200 de Lisboa e 100 do Porto.

Esta tribuna é vossa: «Uma pequenina migalha. Apliquem-na onde melhor entenderem. Só peço a Deus que não seja a última vez que por Deus é dada. Não sabemos de quem é; melhor, o autor é bem conhecido — «que por Deus é dada». 500\$00, «do meu primeiro ordenado»; e outros 500 «pelo bom êxito de uma operação». É de Lisboa.

E as migalhas surgem de todos os lados e das mais variadas maneiras: 50 do Porto em acção de graças e outros 50 pelo mesmo motivo. 20 do Manuel da Corticeira; 20 «que são o produto das minhas economias para os nossos pobres». É uma estudante que assim fala; 100 de quem queria dar mais, mas a saúde não lhe tem permitido; 20 pelo aumento de ordenado; 20, para os Pobres do Barredo; e 200 de Lourenço Marques para o mesmo fim; 400 no Banco Pinto de Magalhães; 50\$00 de Alcobaga; 20 da Afurada; 70 de A. G.; 50 e músicas de uma Maria do Porto; do Lundo, 500\$00 de uma família inteira; prestações de 4 meses atrasados e muitas outras tantas moedas de 5\$00 Maria e Manuel mandam o seu óbulo mensal e que Deus faça frutificar: São 100\$. 20, de uma avó e mãe que são uma oração pela paz no seu lar e uma benção para a sua nêtinha; 500, de Luelia. Para a viúva da «nota da quinzena» 100\$ e outro tanto para uma Mãe alimentar o seu filho.

De uma vicentina de Lisboa uma carta inflamada. Beirefica perto de Paredes na Estrada Porto—Vila-Real. Perguntando ali, toda a gente lhe dará as indicações precisas. Não perca esse seu entusiasmo, nem feche nunca a sua alma às inspirações da Graça.

Do Estoril cinco de cem; e mais uma da Giesta-Areosa, outra do Funchal, outra da Beira; e 20 de Carrizado de Montenegro; 50 «para pagar o quarto do meu vèlhinho do Barredo». Os costumados 21 selos de 1\$. Pedindo o maior silêncio, uma carta e um cheque de 3.000\$. Um caixote de medicamentos. Uma caixa de vinhos espumantes da Anadia. Retalhos preciosos de fazenda de Lisboa. E a propósito, ainda há pouco tempo uma Senhora do Porto, que gasta os dias servindo os Pobres, nos falava em retalhos de pano para confeccionar pecinhas de roupa. Se alguém os tiver... já há quem os arrume.

Padre Manuel António

vem da página um

Acredito que o Amor, o mais puro, é silencioso. Por isso peço que não mencionem esta oferta, nem qualquer outra que lhes venha a fazer. Ficar-lhe-í muito grato se se lembrar de mim junto do Senhor, pedindo-Lhe que me conceda a graça que diariamente Lhe apresento, se fôr da Sua vontade»

Que lindo o espectáculo oferecido por uma alma grata!

Cá ficamos à espera de mais «pequenas coisas que à primeira vista poderiam parecer supérfluas, mas que lhes dão tanta alegria».

SETUBAL

continuação da página um

ções. Este mim, tão actual hoje como há vinte séculos, transformou um cadáver de quinze dias numa criança de encantos que faz a inveja de muitas mães. O Evaristo não tem exigido somente muitas noites de vigília, tem conhecido muitos médicos e semanas de hospital. Deus é exigente! É um Deus vivo! Tem-nos amor! Quer que lhe proveamos o nosso amor por Ele!

Este inocente, no seu olhar de candura penetrante, e no seu sorriso de boca aberta é uma prova. Apresento-o hoje também para estímulo. É que Deus põe-nos tantas vezes à prova e nós dizemos tantas vezes não! E depois vamos erguer as mãos com as mãos vazias!

A hora que vivemos é de luta e só Cristo tem poder de salvação. Se a mensagem cristã não redime é porque não a vivemos e daí o mal. A rotina. O desânimo. As águas mornas que se turvam, por vezes, tão trágicamente.

Para ti, cristão, eu escevo. Olha bem para Cristo de frente. Observa-lhe bem a face.

Medita as suas ordens, as suas queixas, o seu martírio. Medita e olha para este retrato. Se o fizeres a sério encher-te-ás de luz.

Foi a claridade irradiante da doutrina de Jesus que salvou este menino do flagelo que vitimou três irmãos precedentes — o abandono. O terrível abandono.

A mulher que dispensa carinhos maternos a esta criança e lhe chama filho quer ser mãe de meninas abandonadas.

Evaristo Manuel é a primeira prova.

Padre Acílio

É a hora das contas.

Helena de Lisboa com 500\$ acompanhados de grande alegria. Anónimo do Porto com mil. Amigo da mesma cidade com Philishave para barbear os doentes. Nós não podemos abrir a boca que aparece logo resposta! Senhora de Coimbra com 250\$. Amélia com migalha de 400\$. Emília de Lisboa com metade daquela quantia. Que o Senhor a ajude a levar a Cruz! M. E. com humilde devoção, 100\$. Engenheiro muito nosso com 8.000\$. «Portuense qual-quer» com 20\$.

De Lisboa 12 lençois, roupas e calçado. De Santo Tirso camisolos interiores. Não sei donde um chaile. Das Caldas roupa. De Bragança 100\$ com embrulho de roupa. Da Foz do Douro 500\$. Em sufrágio pelos dois irmãos mil de Ermezinde.

De Lisboa 50\$ da Avenida Roma. De Parede 500\$00. De Gondomar 200\$.

Senhora de Coimbra com medicamentos e ajuda para adquirir mais deles. Sacerdote com 500\$. As belenitas de Viseu com parte do que o Senhor lhes vai dando, para os doentes. Jovem com o primeiro óbulo duma sé-

rie que vai prolongar-se pela vida fora! Ninguém ponha limites à caridade que Deus deposita no peito de cada um! Anónimo com 100\$. Outro com dois mil. Todos se escondem. Que bom! Se o não fizessem como havia de ser inútil o tempo dos agradecimentos.

Fábrica de azulejos com eles. De tinta, com ela e cartão expressivo: «Neste balanço de actividades, não podemos olvidar as vossas necessidades espirituais».

Avó com 20\$00. Leitora do

CALVÁRIO

Gaiato pode contar com a oração dos doentes.

Anita do Porto vem com 300 e remata que «é a melhor maneira de celebrar o aniversário da mãe».

Outra Emília com 100\$. Pecador com 60\$. Senhor Garrido, do Sado, com 100\$. Com igual soma Lucrecia do Douro.

M. E. do Porto com renovação de devoção.

De Vizela 500\$. Do Porto nem sei quanto, que ele é com nome e sem nome.

Os peditórios no Porto falam-nos do amor que o povo nutre pelos doentes do Calvário. Na Igreja de Cristo-Rei, 5 mil escudos. Nos Congregados passamos dos 10. Na Igreja de N. S. da Conceição 5 e meio.

P. Carlos trouxe 10 da Trindade. P. Manuel António outro tanto de Cedofeita, 12 e meio da Lapa e 8 da Capela das Almas.

Mais terras. Braga, com 100. Alandroal com metade. Febres com outro tanto. Rebordões com 20\$. Lisboa com 200\$ «em nome dos meus filhos». Granja com 100\$. Coimbra com três notas de 20\$. Caldas da Rainha com 300\$. Gaia com 200\$. Visitantes com notas de todas as variantes. Assinantes com restos de todos os tamanhos. O Avelino que diga. Viúva de Lourenço Marques com 20\$. Infeliz com 50\$ a queixar-se de ignorar onde fica o Calvário. Tome nota por favor: — Beire, Paredes, prós lados do Douro.

Doente para doentes com 20\$. Cândida com 50\$. Advogado com 20\$00. Duas irmãs com 300\$00. Que benção saber-se dar! «Tenho possibilidade de enviar de novo 100\$». Quantos podiam e fecham-se, digo, atrofiam-se!

No Espelho da Moda, entram e saem anónimos que depositam sangue.

No Coliseu, as capas juntaram 16 contos e meio. Freqüentador do Chave d'Ouro quis juntar-lhe mais 10 mil escudos.

Conferência do Porto com 200\$. «Humilde portuense» com 100\$. Pecadora com 40\$. Alentejana com metade.

Parcelas para a casa «Ouvime Senhores». Doente da alma com 200\$. A Caridade é o remédio único e eficaz.

Adelaide com 500\$, Amélia com 100\$ e Palmira com a mesma soma.

Alguém vai já em três anos retirando periodicamente 100\$ para com eles amar os outros.

Admiradora com 50\$00.

Maria de Portimão escreve: «Hoje mais uma vez a consciência me diz que devo contribuir na medida das minhas posses para debelar o sofrimento dos meus irmãos pobres e doentes».

Maria da Assunção vem com mil escudos e em silêncio.

Pelos pais, pelos maridos, por entes queridos, vêm súplicas a que os doentes do Calvário não ficam indiferentes.

Cortamos aqui a procissão que ela é longa e não pára de crescer.

Aguardem-na, por favor.

Padre Horácio

Ordins, Rua da Caridade 16

Nesta data, não posso ainda dar como concluídas as obras da Casa de Jesus Misericordioso, como tanto ansiava. Tem havido mais que lentidão. Por conveniência dos Mestres, tem-se, por vezes, suspenso o trabalho: Em Outubro, era necessário acudir às pipas, agora às ramadas... E assim, vão-se-me os carpinteiros para outros lados. Ora eu escrevo, barafusto, zango-me, mas não comovo os Mestres... e tenho de esperar e deixar de zangar-me, de barafustar, de escrever. Esperar é o único verbo da minha acção. Mas eis, de novo, os carpinteiros que chegam. Será a última arrancada. Breve, pois, poderão também tornar os tro-lhos, para acabar os seus trabalhos. A obra está por pouco.

Uma vez que tenho sido assediado pelos credores, esperar, isto é, parar, parece que seria o verbo da acção prudente. Todavia tantos leitores têm dado provas inequívocas de maior simpatia, que me sinto impellido a prosseguir sem desfalecimentos. Queria mostrar o tamanho da Cruz, só no terminar da obra, mas ela pesa-me tanto! As contas foram-se avolumando e, quando, um dia, as somei achei uma forte dor de cabeça e uma dívida a passar dos 30 contos. Tudo tenho feito por diminuir uma e outra, mas não consigo levar a Cruz sozinho. Quem ajuda?

Há poucos momentos, respondendo aos meus queixumes, uma tecedeira anciã perdeu-se com riso. Só lhe ouvi um rápido e indescritível monossílabo — Oh! — de olhos brilhantes, apontando com a dextra o firmamento. Todos os meus receios e dores e consumições ela, confiante, desbaratava-os, olhando o Céu: Ele é que lho dá! Ele quem? O Céu! De lá vem tudo! Tem-me dado tanto! Isto é verdade. Ela sabe-o. Ora, se verdade quanto ao passado, também o será quanto ao futuro! Se assim, não há mais lugar para as minhas dores de cabeça, senão para pôr toda a esperança nas mãos do Senhor. E aguardar confiado, a resposta daquele que sintonizam a sua vida pelo amor de Deus, realizando-se em obras de caridade para com Ele, visto no Próximo. Esperar, principalmente agora, é o único verbo da minha acção. Quem ajuda?

Em cumprimento de uma promessa a S. Judas de Tadeu, 100 para «o que seja necessário». Ora, para já, o mais necessário é pagar as dívidas e apetrechar a Casa. O mesmo de quem tantas vezes tem vindo «para a Casa das Tecedeiras». Metade de quem em 12 de Abril foi operado pela sétima vez ao pulmão esquerdo «e preciso de muita coragem para aceitar a vontade de Deus, principalmente se fôr que eu não me cure». Parecendo, como diz, «caridade interesseira», vejo pelas entrelinhas da sua carta que está no altar do sacrifício e solícita, pela oração e esmola, co-

ragem para se deixar consumir pelo fogo do Alto.

De «uma rapariga» 100\$ «para a Obra de Ordins, pedindo a Deus que a continue a abençoar». Se Ele tanto tem ajudado, que a Sua benção nos acompanhe! E mais a quinta parte de algures.

Novelos... é a contribuição voluntária de quem quer, quando e como, ajudar este Centro de Assistência a minorar as dores dos nossos irmãos. Todos os meses manda, escreve Sr. Padre Carlos, ao devolver-me 10\$ dum Oficial do nosso Exército. O dobro para mandar fazer um agasalho para uma velhinha, com a recomendação de que «logo que possa mandarei mais o que puder». E não sei donde, um ror de novelos de «carne e osso».

Até da Nova Lusitânia (Moçambique) nos chegaram 20\$00 para novelos. De algures, «100\$ de novelos duma anónima forçada», que tanto bem tem feito aos nossos Pobres. «O atraso já é grande e perdi a conta, o que não significa que terei de ficar sempre atrasada». Descanse, que não se manda receber. Quando e como quiser, Ordins receberá seus novelos. A quinta parte do assinante 13582.

O conselho de «uma Maria» de um selo dado por cada assinante para a aquisição de uma das várias máquinas de tricotar já deu algum efeito. Ora vejamos: Um funcionário público de Coimbra vem com 10 selos. Metade de Matosinhos de quem se encontra bastante doente e a quem se deseja rápidas melhoras.

Há tantas Marias na terra... Algumas deixaram contagiar-se por aquela que deu o sinal da partida. Uma conseguiu seis novos assinantes e, embora sejam «muito bem cumpridores dos seus deveres», por cada um envia uma estampilha. «Outra Maria» vem com dez deles. «Mais uma Maria» com o dobro. É de Setúbal.

Ribeira Brava ocorre com 6. E Lisboa com menos dois. Olho Marinho traz duas candeias na mão: são 20\$ para a máquina e outro tanto para a Casa de Jesus Misericordioso.

Coimbra, com 20 deles, receia que me afogue em tantos selos. Até hoje, a água ainda não chega aos joelhos. Podem continuar que, se correr perigo, pedirei auxílio. O despacho dos chales absorve torrentes de selos por ano! Podem, pois, continuar. Entretanto, se pretende saber a «forma prática, simples, segura de mandar dinheiro para as tecedeiras ou para a Obra que é o mesmo», pode, além das estampilhas, escolher o vale de correio pagável em Paço de Sousa ou a carta registada. Pode também entregar em qualquer Casa do Gaiato uma quantia destinada a Ordins.

A Rua da Caridade chegaram também plantas de ornamentação, vidros e ferragens.

Padre Aires

TRIBUNA DE COIMBRA

Nesta altura andamos a pedir nas Igrejas de Coimbra. É o mesmo recado dos outros anos. Eu já subo os degraus destes altares há dez anos consecutivos e todos os anos digo o mesmo. E cada vez que o digo, mais me apetece gritar: amai-vos uns aos outros. Nós não sabemos dizer mais nada. Nem a Ohra da Rua se guia por outra doutrina. Todo o Evangelho está aqui. Aqui está toda a Lei e os Profetas. S. João Evangelista lidou tão de perto com o Mestre e também não sabia dizer outra coisa! E quando já velhinho, os discípulos lhe pediram para dizer coisas novas, o Apóstolo levantou-se e repetiu-lhe a mesma grande novidade: meus filhinhos amai-vos uns aos outros.

Pai Américo e os Padres da Rua não têm sabido dizer nem escrever mais nada e, apesar disso, os nossos ouvintes e leitores ainda nem todos mudaram de pensar. Muitas vezes ficam movidos pelo sentimento, mas, passado este, agem como anteriormente. Ainda não houve, para a maior parte, uma mudança de vida. Ouvem-nos falar e estremecem e choram, mas o choque passa e a vida continua como dantes. Ora aqui está o mal.

É necessário que cada Português se compenetre da sua afirmação de cristão e aja cristãmente; que molde a sua consciência por esta norma: O Amor. Que se tem feito em Portugal por Amor? E há coisas grandes feitas! Mas as coisas grandes são feitas para os grandes. É a sua imortalidade. Imortalidade caduca. É a opinião pública anda arrastada por isto. Parece que as obras de Amor são exclusivas das instituições de Caridade. Cada cristão parece ter perdido a noção de que o sinal pelo qual é conhecido pelos outros e julgado por Deus é o Amor.

Há momentos, em frente de Santa Cruz alguém veio dizer-me que no Património dos Pobres há uma família que rouba: olhe que eles tinham cadastro. Eu ouvi. Já outras pessoas me têm dito o mesmo e eu ando à espera. Não me custa nada a crer que aquela família, na situação tão miserável em que vivia, deitasse mão do alheio e criasse esta má inclinação. Mas eu prefiro esperar. A casa nova que habitam, o ambiente em que agora estão, a nossa presença de vez em quando, a doutrina ensinada aos filhos, as pessoas amigas que por ali aparecem, tudo isto há-de ajudar a uma recuperação. Eu aconselhei aquela pessoa a entrar na Igreja e pedir ao Pai do Céu. A regeneração de uma família, é primariamente obra d'Ele.

Nós compreendemos e aceitamos que tem de haver normas e leis, mas a norma e lei fundamental é a do Amor. Quando chegarmos a viver como os primeiros cristãos e se puder dizer de todos os Portugueses de boa vontade vede como eles se amam, deixa de haver classes, e raças, e políticas, e credos e teremos uma sociedade perfeita.

Padre Baptista

Auto-construção

A Festa de S. José Operário foi a data escolhida para o aparecimento de um pequenino jornal de uma Obra muito grande chamado, como ela, «Auto-Construção».

Surge como suplemento de um quinzenário regionalista, por razões que vamos ouvir do próprio P.e Fonseca, director dos dois:

Como esta modalidade de construção de casas se não destina a uma só freguesia ou mesmo a uma só região, assim também o jornal que pretende servir-lhe de orientação e apoio.

As dificuldades, tantas e tantas vezes praticamente invencíveis, daqueles pobres trabalhadores que pretendem possuir a sua própria casa são gerais em todo o País. Todas as achegas para esta finalidade, por mais modestas que elas sejam, vêm na hora própria e oportuna.

Assim apareceu «Auto-Construção» enquadrado num problema de flagrante actualidade.

Nós não costumamos dar aqui notícias estilo de informação. Nem esta o é.

Mas não podemos deixar no silêncio o tremendo esforço que esta folhinha mensal representa. E além do esforço, a paixão que o enche de ponta a ponta: O Amor da Justiça, vivificada pela Caridade, única causa de Paz.

Deus abençoe e multiplique os frutos deste «acto de fé», como Padre Fonseca lhe chama, e «Auto-Construção» — jornal, leve a Auto-Construção — realidade por esse Portugal em fora.

LAR DE LISBOA

Amáveis leitores. É com grande prazer que escrevo pela primeira vez para as colunas do «Famoso».

Também é com o mesmo prazer que lhes vou dar algumas notícias sobre o nosso Lar.

E começando pela Senhora, que todas as semanas diz ter sempre quatro ou cinco lençóis rotos e que não faz outra coisa senão coser os ditos lençóis.

O Senhor Padre José Maria vem poucos vezes aqui ao Lar, mas quando vem é a malta toda a pedir, uns pedem calças, outros sapatos e chega a um ponto que Ele se vê negro para arranjar tantas coisas sem as ter.

Ora vejam estimados leitores, se não forem a vossas carinhosas mãos não sei quem há-de calar a Senhora com os lençóis, fazer branco o Senhor Padre José Maria e satisfazer a malta com calças e sapatos.

Ficamos à espera de resposta da vossa parte.

Até ao próximo número se Deus quiser.

Noel

TOJAL

Ainda o Império.

Por momentos ficamos na escadaria do edifício observando o movimento.

Era uma agitação invulgar, ligeira, ágil, nervosa, dando a impressão dum acontecimento destes mais pasmosos e dum confuso deslumbramento!

Aqui, já pasmo! Nunca, desde a primeira vez que saímos, vi tamanha emoção. Carteiros e mãos postas, expostas só para se ganhar um lugar. Faziam-se todos os esforços para entrar e, até houve lágrimas Bastantes impedidos, mesmo assim!

Estacado em contemplação, de face erguida e boquiaberto, mudei-me penoso.

Lá dentro nova transformação.

Naquele foco luminoso se produzia aquela maravilha simples e natural que a todos deleitou e conquistou. Os olhos de muitos marejados de lágrimas; e, afinal de contas, os de todos alongados para longe, muito longe, como se naquela tarde um dom precioso de Deus — Pobre, os chamasse ali, a uma visão divertida de Cristo Incarnado nos seus «meninos bonitos».

Pronto. As nossas dúvidas sobre a dedicação da boa gente da Capital estão desfeitos e transformados em convicção de que nos amam a sério.

Na verdade não sentimos menos amor, acolhimento e sacrifício que no Porto. Até o ouro em brincos e anéis tão vulgar no norte, também por lá abordou. As pessoas foram tão

sério. Sepadre Carlos é muito amigo das plantas e qualquer dia aparecerá um decreto para: Ou se organizam Jardineiros em forma, formando até o seu sindicato, por via dos azares



PELAS CASAS DO GAIATO

fortemente rasteiradas pela capa que 20\$ ou 50\$ não bastavam. O sacrifício tinha de ser exorbitante — depois o próprio corpo de seus enfeites mundanos em troco duma virtude que permanece e dá sentido à nossa vida de cristãos — O Amor. Por Ele seremos julgados e salvos ou condenados para todo o tempo, o que é isto senão de belo e edificante?

E todo aquele quadro findava. Lá foram todos fazendo o seu caminho silenciosos, mas inquietos. E não sentiram frio nem cansaço nem arrependimento, não: os corações iam-lhes quentes a valer.

Parabéns Lisboa! A nossa despedida revestiu-se dum gosto que nos deu o desejo e uma esperança: «Até ao ano se Deus quiser».

Zé do Porto

PAÇO DE SOUSA

FUTEBOL: O Grupo Desportivo encontra-se em forma e o Quim que é o responsável, não cabe em si de contente. Ainda ontem, depois de uma vitória levantou a voz e toca de botar discurso. As gentes ouviram, gostaram e aplaudiram. O pior são os aleijões, as caneladas, o barulho, as discussões, as dores de cabeça. Mas nestas alturas eufóricas tudo se esquece. Todos estão com vontade e esperamos que o nosso grupo anime sempre.

ELES. O Pipas, as pipadas. As aventuras, os desgostos e as alegrias. Ainda há pouco arrancou um pé de feijão e foi colocá-lo num platano. Disse que era para enxertar o feijão com a árvore. Podia dar-lhe para pior. O que ele precisava era de um bom enxerto, para acabar com estas madurezas e só assim a árvore dará algum fruto. E de mais a mais foi arrancar o feijão do Jardim da Tipografia. Põe-te a pau com a escrita, senão...

JARDINS: Jardineiros e companhia. É um constante fazer, desfazer e tornar a fazer e chegar ao fim e não darem nada. Os Tipógrafos. Os dos Condes da Casa 1... casa três, dois, quatro e por aí adiante. É como diz o Sepadre Carlos: São o exemplo mais frizante da falta de persistência desta desorganização organizada. E na realidade assim é sem tirar nem pôr. No princípio, muitos cuidados com as regas, fazendo descer por vezes as pobres plantas a temperaturas glaciais. Muitas podas. Muitas festas. Muitas coisas. E, no fim, deixar morrer as plantas à míngua de alimento. Ora isto é um caso

Ou então se acabarão os inimigos das plantas no número dos quais nos encontramos nós, embora já um pouco arrependidos dos nossos pecados. Se continuar assim, em vez de viço, de belas flores, passamos a colher folhas secas e os jardins sepulturas de inocentes...

DIÁRIO ILUSTRADO: Continua a visitar-nos, de permuta com «A Voz dos Novos», este importante vespertino que se publica em Lisboa, a quem estamos ligados por várias amizades. Parabéns ao Nuno Rocha

e retribuimos o abraço em Caixa Alta ao Senhor Miguel Serrano que volta e meia nos lembra. Muitas felicidades para todos e para esse importante jornal mais êxito.

A malta da «Voz dos Novos» ficou toda inchada por causa da referência que lhe fizeram. Até já se começaram a sentir alguém... Vá, não envaideçam os rapazes, porque ninguém os atura...

Daniel Borges da Silva

Filhos de pai incógnito

É com um misto de dor e alegria que desfolho esta agenda que pertenceu a meu irmão antes de morrer para o mundo. Nela procuro eu alento para resistir a tantas fraquezas. Nela não, mas no recordar daquele sofrimento resignado, como quem tem a certeza de que com a morte do corpo se encontra a alegria em Deus. Nunca a Eternidade esteve tanto nos meus olhos, como naquelas horas em que rodeava o leito onde meu irmão agonizou. Estou a vê-lo em sua maneira de a todos dizer: «não chorem porque eu não soffro». Estou a ouvi-lo, horas antes de deixar o mundo, a dizer-me para cuidar de uma sobrinha por quem ele muito se preocupava. Estou a ouvi-lo dizer ao Senhor Padre Carlos para olhar por mim. Ele sempre amou com a sua consciência.

— Arnaldo — diz-lhe alguém — tu não queiras mal ao nosso pai e aos «outros» nossos irmãos? E ele, numa voz que mal se percebia, diz aos nossos ouvidos: *nem deles me lembro.*

O Perdão. O Verbo: Amar. «Perdoai-nos as nossas ofensas assim como perdoamos aos que nos têm ofendido». Nunca a Oração Dominical me sou com tamanha expressão como naquela hora. O Calvário tem as portas abertas por causa do verbo Amar. O Pai Américo foi inspirado por Ele, para que à hora de deixarem o mundo, os doentes pobres tivessem a dita de dizerem e sentirem aquela frase tão plena de amor.

O Calvário de há dois mil anos, também foi registado por uma frase semelhante: «Perdoai-Lhes Pai, porque não sabem o que fazem».

O Calvário, O GRANDE, foi por causa dos Calvários de então. Foi por causa da Cruz que nós (falo pelo mundo) lançamos nos ombros de inocentes vítimas. Somos todos responsáveis. Uns porque cometem o delito; outros porque o consentem.

Nesta agenda, encontro escritas estas duas frases. Escritas com letra irregular, mas com o coração firme, como de quem ouviu, ou viu, o que o coração sente, sem que os lábios saibam dizer:

«Feliz a lei que se pode cumprir dentro do Amor».

«Feliz o Amor que se pode cumprir dentro da lei».

Liga uma à outra, e medita, e preocupa-te, porque só assim é cumprir. Põe os olhos no «Livro» e sente.

Ernesto Pinto

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

QUINTA FEIRA SANTA: Como de costume, após as cerimónias na Igreja paroquial, os doze Pobres que participaram no Lava-pés jantaram connosco. Foi uma hora de Fraternidade Cristã. Serviram os vicentinos má-la senhora D. Ana, nossa madrinha, que marcou presença com regueifas e amêndoas. E todos os vicentinos queriam servir! Os que não puderam ficaram amuados. Ora eu fiquei contente pelas amuadelas. Porque, realmente, servir é a nossa principal missão. Servir aqueles que, por natureza, mais pertinho estão do Pai do Céu — imagem de Jesus, Nosso Senhor e Salvador. Deus nos dê sempre a oportunidade, a vontade, a alegria interior de servir o Pobre por amor de Cristo.

NA MÓ DE BAIXO!: É verdade. E não há outro termo. Estamos na mó de baixo!

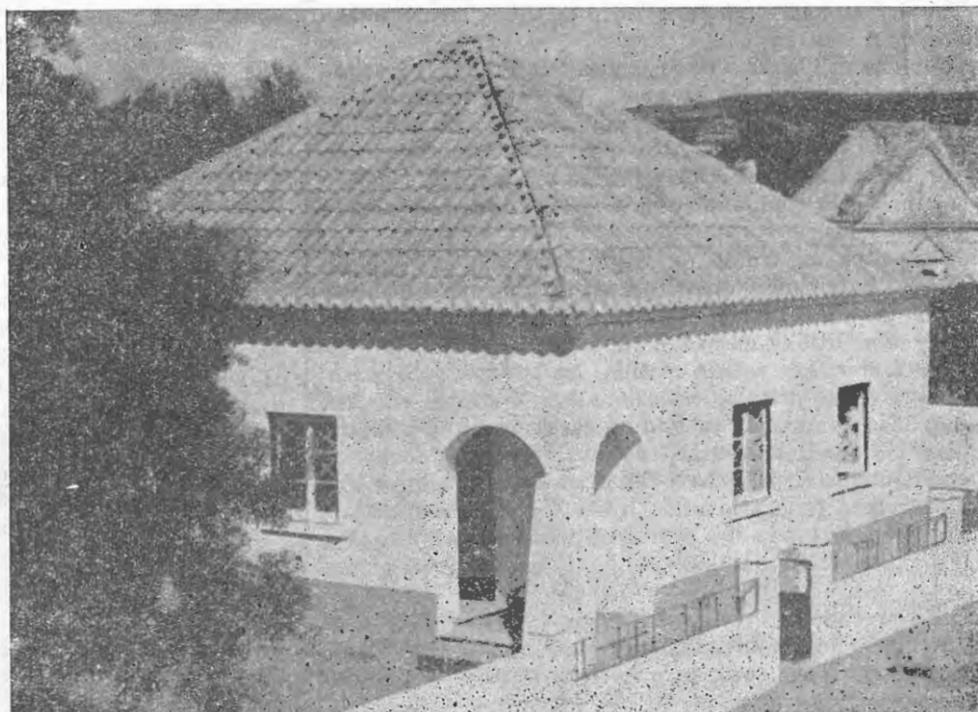
Os Senhores parece que estão a arrefecer. Melhor, parece que estão a esquecer os nossos Pobres! Tenham paciência. Mandem o que puderem, conforme as vossas possibilidades. É que os Pobres precisam, como nós, de rilbar quatro vezes ao dia.

Fora leite, rendas de casa e outras despesas à nossa conta, distribuimos quinzenalmente, 600\$00. Ora a nossa fonte de receita é esta coluna. Não

temos outra. Por isso, os senhores acordem e evitem um naufrágio.

O QUE RECEBEMOS: Ezequiel Pinto, cliente da nossa Tipografia, 21\$00, remanescente do pagamento dum trabalho. Por intermédio de um nosso Amigo, 50\$00, de uma Operária. Sangue de Pobres! Atenção África: eis 20\$ de Helena Covas Alves, por alma de sua mãe. O dobro de Lisboa. E 100\$ da assinante 4343. Outra vez Lisboa, agora com 20\$ pela mão do assinante 33.337. O Porto não gosta de ficar atrás e segue com 50\$ de Maria Emília Mendes. E mais Porto, com o dobro, tro assinante 25.486. Finalmente, estávamos a dar os últimos retoques desta crónica e chega uma carta tarjada que passamos a transcrever: «Os outros 500\$ são para a vossa Conferência, para os nossos Pobres. Foi para eles que eu pedi e o Senhor ouviu a minha oração. Tanto desejava poder dar e não tinha. Pedi ao Senhor por meio de Sua Mãe Maria e de seu filho Américo (o Senhor Padre Américo) me tornasse possível ajudar alguns pobres que eu sabia muito necessitados e por intermédio das Conferências e outras boas Obras socorrer outros. Na semana passada recebi 10 contos um décimo da lotaria e são estes escudos que tenho estado a distribuir. Parecia-me muito, mas tem de ser um pouco a cada um. E eu nunca esperei tanto ter para dar. Bendito seja Deus! Como compreendo, agora, a fé na Providência! Rogai por mim».

Júlio Mendes



A casa do nosso Cândido. O seu Lar nimbado de alegria. Dantes era dos Guindais. Acaçava o que podia! Hoje é chefe da Tipografia do Tojal. Constituiu família. Amanhã, outros, por sua mão, lhe hão-de seguir as pisadas, porque Nosso!

